

## QUANTO VALE UMA BARRAGEM?

por

Manuel Carvalho\*

Sempre que as entidades oficiais francesas pensam construir uma simples estrada para atravessar uma região vitícola têm de contar à partida com enorme polémica e feroz oposição. Para os franceses, a vinha não é um simples instrumento de criação de riqueza; a sua presença e preservação marca também os contornos de uma cultura e de uma paisagem que urge a todo o custo proteger. Em França, o anúncio do afogamento de Ervamoira motivou uma onda geral de rejeição junto de todos os que se interessam pela enofilia. Desde o anúncio da construção da barragem, a quinta com morte anunciada tem recebido várias visitas de jornalistas franceses. José Rosas, o principal criador de Ervamoira, foi inclusivamente homenageado na edição deste ano do «Printemps Portugais» que se celebrou em Bordéus com a presença de Mário Soares.

Por cá, a sina de Ervamoira ficou ofuscada pela miragem de um projecto messiânico. António Gouveia, presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa desde 1986, não esconde o seu regozijo sempre que fala dos impressionantes números da barragem que a EDP vai construir nos seus domínios. Não é de admirar: no local vão ser investidos 43 milhões de contos, que darão origem a cerca de 1700 novos postos de trabalho durante cinco anos. Para António Gouveia, o problema da desertificação vai inclusivamente ser superado pela grandiosidade da obra. «À sombra deste projecto vão nascer pequenas empresas subsidiárias, tais como bombas de gasolina, oficinas metalo-mecânicas e um centro de distribuição de peixe congelado» (*Jornal de Notícias* de 21-06-94).

Regalado com a catadupa de dinheiros, o autarca e os seus munícipes nem querem saber do triste destino que vão ter 900 hectares incluídos numa das melhores zonas de produção da mais antiga região demarcada e regulamentada do mundo. Não interessa; o valor imaterial do património não dá dinheiro a curto prazo. Muito menos a EDP parece preocupada. «São apenas três por cento do

---

\* Jornalista do jornal *Público*.

potencial vitivinícola da região que vão ficar submersos», afirmam até à exaustão os seus responsáveis. Num ano de colheitas médias, esses três por cento poderiam produzir, contas por baixo, umas 2500 pipas de vinho do Porto de categoria superior, envolvendo verbas na ordem dos 3,5 milhões de contos. É pouco?

Mesmo ao nível do debate político a barragem passou incólume, ao contrário do que acontece com a maioria das instalações do género. Apenas o ex-Secretário de Estado da Energia Nuno Ribeiro da Silva se lhe opôs, não apenas por considerar que a produção de energia não compensava os investimentos previstos, mas igualmente por temer profundos impactes negativos no sensível ecossistema da região. Ribeiro da Silva é um tecnocrata de formação humanística, tem à cabeceira «Memórias de Adriano» de Marguerite Yourcenar, e estudou os legados culturais do país em várias expedições antropológicas. Não podia aprovar a barragem.

Longe dos principais interesses políticos, o empreendimento que vai alagar uma área de 1560 hectares suscitou apenas o veemente protesto de pessoas e instituições ligadas à economia e cultura do vinho. Como a Escola Superior de Agronomia de Montpellier, o Instituto de Enologia da Universidade de Bordéus, a Associação para a Salvaguarda dos Territórios Vitícolas Mundiais, com sede nesta cidade, a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e o Instituto do Vinho do Porto. Em unísono, estas entidades denunciaram um «atentado» contra o património mundial. «Esta obra (...) fere de forma irrecuperável o património vitícola de uma das mais importantes denominações de origem do mundo», sintetizou com mágoa o presidente do Instituto do Vinho do Porto, um homem que no início da sua carreira acompanhou de perto a revolução de Nicolau de Almeida e de Ervamoira.

Resta ainda uma questão: será a barragem de Foz Côa, que promete ser a segunda maior do país, uma obra indispensável, sem que se vislumbrem alternativas capazes de evitar a destruição de Ervamoira e zonas afins? Para muitos a resposta é negativa. A prova está no próprio sistema de funcionamento previsto: uma vez que o rio tem caudal suficiente para alimentar a sua albufeira, parte da água utilizada na produção de energia será bombada a partir da barragem do Pocinho, já no rio Douro. Os custos de bombagem fazem elevar substancialmente os preços da energia produzida. Por isso, há quem defenda uma alternativa composta por uma série de pequenas barragens, tal como a própria EDP previa há apenas 20 anos atrás.

Mas na era do Lindoso e do Alqueva, Foz Côa apenas poderia ser uma obra para dar nas vistas. Nem que para isso tudo se submeta ao mito fácil da sua imprescindibilidade. Exemplo: no estudo de impacte ambiental — alvo de duras críticas — o projecto considera de «importância moderada» a inundação de terras agrícolas. Pior: «As alterações climáticas, com grande influência na produção de

uvas em zona de benefício, surgem completamente desprezadas» no estudo, protesta Rui Vitor Cortes, professor assistente da Universidade de Trás-os-Montes.

A barragem tinha de se fazer. Por obediência a uma concepção de desenvolvimento feito estritamente à custa de balancetes e outros estudos rascunhados num qualquer gabinete com ar condicionado. Nem que isso constitua uma séria ameaça a um dos mais valiosos patrimónios culturais e económicos do país. Quem visita Ervamoira e as colinas que a cercam, algumas com vinhas já abandonadas, não pode deixar no ar um lamento e uma pergunta: quanto vale uma barragem?